

O INSÓLITO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: REFLEXÕES SOBRE A NARRATIVA A BOLSA AMARELA, DE LYGIA BOJUNGA

THE GENRE OF THE UNUSUAL IN CHILDREN'S LITERATURE: REFLECTIONS ON THE YELLOW BAG, BY LYGIA BOJUNGA

Rozilda Ferreira da Silva 1
Sônia Maria Gomes Sampaio 2

Resumo: Este estudo objetiva analisar traços do insólito na obra "A Bolsa Amarela", de Lygia Bojunga. A literatura infantojuvenil é rica no quesito insólito, não somente nele, pois evidencia também o fantástico, o maravilhoso, o sobrenatural. O estudo apresenta, panoramicamente, a história da literatura infantojuvenil e reflete acerca do insólito levantando alguns questionamentos: Como o insólito funciona nos textos de ficção? Quais as marcas de uma narrativa insólita? Quais os principais traços do insólito dentro da narrativa a bolsa amarela? A hipótese é que na literatura infantojuvenil são comuns os elementos do insólito e o gênero fantástico como recursos utilizados para provocar a imaginação do leitor e propiciar à criança um despertar para o mundo. Tomaremos por base os estudos desenvolvidos por Tzvetan Todorov (2007), Flavio Garcia e Maria Cristina Batalha (2012), Regina Zilberman e Ligia Cademartori Magalhães (1987), Elenara Quinhones (2017), Marisa Gama-khalil e Paulo Fonseca (2013).

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Insólito. A bolsa Amarela.

Abstract: This paper aims to analyze traces of the unusual in *The Yellow Bag*, by Lygia Bojunga. Children's literature is a substantial field when it comes to the unusual in literature, but it also showcases the fantastic, marvelous, and supernatural genres. The study presents an overview of children's literature history and brings up some questions regarding the literary genre of the unusual: how does it operate in works of written fiction? What are the characteristics of a narrative that is part of such a genre? And which ones prevail in *The Yellow Bag's* narrative? The hypothesis is that elements of the unusual and the fantastic genre are recurrent to children's literature as devices used to instigate the reader's imagination and incite in children an awakening to the world. The theoretical framework for this work is based on the studies of Tzvetan Todorov (2007), Flavio Garcia and Maria Cristina Batalha (2012), Regina Zilberman and Ligia Cademartori Magalhães (1987), Elenara Quinhones (2017), and Marisa Gama-khalil and Paulo Fonseca (2013).

Keywords: Children's Literature. Literary Unusual. The Yellow bag.

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/
Mestrado Acadêmico/UNIR. Graduada em Letras Portugueses pela Universi-
dade Federal de Rondônia (UNIR).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9430814648265499>.
ORCID:<https://orcid.org/0000-0002-2366-1755>.
E-mail: rosiferreiramel@outlook.com

Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade
Federal de Rondônia/UNIR e do Programa de Mestrado em Estudos Literá-
rios – PPGMEL/UNIR.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9662009738910770>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4466-4397>.
E-mail: soniagomesampaio@gmail.com

Introdução

A Literatura Infantojuvenil é uma fonte inesgotável de prazer tanto para os leitores que denominamos de crianças e adolescentes quanto para os outros leitores, ditos adultos, que não enxergam limites de temporalidade quando a obra é literária.

Todos os que lidam com a literatura infantojuvenil, conhecem a necessidade e a importância que os textos têm na formação do leitor. Logo, trazer mais pesquisas a respeito desse universo é incentivar a valorização da literatura e essa dará prosseguimento a uma nova mentalidade. Defende-se que a literatura é o agente formador da criança desde seu primeiro contato com a leitura. Nesse sentido, quando se pensa em literatura infantojuvenil, isso se dá apenas no nome, pois logo percebe-se que é uma literatura voltada para a criança, o adolescente e o adulto, e os textos infantis muitas vezes são compostos por histórias nada convencionais, deixando de lado o comum.

Na estética das narrativas infantis, nos mais diversificados livros, é possível contar com a presença do absurdo, do ilógico e do inusitado. Ao adentrarmos no mundo ficcional, o leitor se sentirá mais confortável que no mundo empírico, pois a literatura permite dialogar entre possibilidades que só são possíveis de serem vistas, nesse universo, algo que causaria estranheza no mundo real. O leitor ao fazer leitura de uma obra literária, infantil ou não, do gênero fantástico, notará a presença do mágico, do sobrenatural, do absurdo, do misterioso que são elementos característicos do insólito. Segundo Garcia (2007):

Insólito abarca aquilo que não é habitual, o que é desusado, estranho, novo, incrível, desacostumado, inusitado, pouco frequente, raro, surpreendente, decepcionante, frustrante, o que rompe com as expectativas da naturalidade e da ordem, a partir senso comum, representante de um discurso oficial hegemônico. (GARCIA, 2007, p. 1).

Desta forma, o gênero fantástico começa se reportando ao mundo dito real, levando o leitor a acreditar nos fatos narrados, mas abre nessa narrativa uma porta para o mundo do insólito.

Na literatura infantojuvenil o insólito está relacionado aos fenômenos da ficção que transitam entre aquela realidade que consideramos possível ou real e aquela que nos leva a romper as fronteiras da imaginação. Discorrer sobre o insólito na literatura é dizer que esse termo está associado a acontecimentos que não podemos explicar no mundo real, mas que na ficção é plausível. O insólito pode se apresentar de diversas formas no texto literário, ele por si só não é considerado gênero, mas os eventos insólitos que aparecem na narrativa constituem um gênero, as marcas do insólito estão presentes nos gêneros literários como o Maravilhoso, o Fantástico e o Realismo Maravilhoso. Sendo assim, este trabalho aborda especificamente o insólito e o gênero fantástico incorporados na narrativa "*A bolsa amarela*" da autora Lygia Bojunga e a partir disso, busca conhecer mais desse universo na perspectiva da literatura infantojuvenil e suscitar novas discussões a respeito desse tema.

No livro *A bolsa amarela*, percebe-se elementos característicos do insólito tais como: o incomum, o anormal, o estranho e o fantástico que despertam o imaginário do leitor, permitindo assim, que ele transite entre o real e o ficcional. Por isso, alguns questionamentos a respeito do insólito merecem ser levados em conta: Quais as marcas, e os elementos de uma narrativa insólita? Como o insólito funciona nos textos de ficção? Como contribui na estrutura de uma narrativa infantojuvenil, e para a produção de sentido?

Quanto à hipótese levantada para o trabalho é a de que na literatura infantojuvenil há presença constante do insólito, o que propicia um despertar para possíveis outras verdades e ainda auxilia o leitor na tomada de consciência para uma postura mais crítica. Em se tratando de insólito, "posto que é ficção, não existe definição de mundos, tudo pode ser real e tudo pode ser imaginação".

Destarte, é relevante estimular a imaginação, pois ela contribuirá na formação do de-

envolvimento intelectual, social e emocional da criança. Todas essas esferas trabalhando juntas com o cenário ficcional e seus elementos simbólicos são fatores que ajudam o amadurecimento do ser humano.

O objetivo geral deste estudo é trazer reflexões acerca do insólito na narrativa *A Bolsa Amarela*, e os específicos procuram fazer uma abordagem a respeito da origem da literatura infantojuvenil e apresentar apontamentos sobre o termo insólito. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica na qual se buscou reunir subsídios para tratar sobre o tema escolhido.

Portanto, o trabalho está organizado em 5 seções; na primeira, a Introdução, na segunda é apresentado um breve panorama histórico da literatura Infantojuvenil; na terceira, reflexões sobre o insólito na literatura. Na quarta, uma análise das principais evidências do insólito na narrativa "*A Bolsa Amarela*". E por fim, na quinta, as considerações finais.

Contextualizando a literatura infanto juvenil- breve panorama histórico

A palavra Literatura vem do Latim "litteris" e significa "letras". A partir dessa concepção podemos dizer que literatura é toda palavra escrita.

A literatura infantojuvenil teve sua evolução a partir de suas origens populares do indo-europeu ao Brasil contemporâneo e até hoje podemos acompanhar tal evolução. A literatura infantojuvenil está ligada a dados histórico-culturais, que influenciaram, direta ou indiretamente, para a criação de uma literatura com ênfase na criança. Até meados do século XVII, não existia espaço para as crianças, elas eram vistas como adultos em miniaturas e compartilhavam de uma mesma literatura, desse modo, não existiam livros direcionados a esse público.

Quando se trata de clássicos infantis, logo destacam-se os contos de fadas ou contos maravilhosos de Perrault¹, dos Irmãos Grimm² e de Andersen³, que foram os precursores da literatura infantojuvenil, contudo não correspondem aos verdadeiros autores dessas narrativas que até hoje fazem enorme sucesso com as crianças com contos como: *Rapunzel, Branca de Neve, a Princesa e o Sapo, Cinderela*, entre outras. Entre o final do século XVII ao XVIII, esses grandes autores que hoje são conhecidos como criadores da literatura infantojuvenil, buscavam esses contos, os mitos e as histórias, por toda parte do mundo; seus interesses incidiam sobre narrativas folclóricas, criadas pelo povo em seus respectivos países. Esses autores coletavam histórias que eram contadas oralmente de pais para filhos, de geração para geração e as transcreviam, as recriavam e levavam todo o crédito por elas. Muitos desses autores nem sequer saíam de seus escritórios mandavam seus assistentes em busca das histórias populares.

No século XVII, durante o classicismo francês, foram escritas as primeiras narrativas para crianças, com função de manter a tradição de um povo, trazer ensinamentos e impor lição de moral para as crianças. Na primeira metade do século XVIII as primeiras obras que visavam o público infantil apareceram no mercado livreiro e ao passar das décadas as histórias foram tomando formas, de acordo com o contexto histórico de cada período e pelo cotidiano vivido pelas pessoas.

No Brasil Monteiro Lobato foi o precursor da literatura infantojuvenil trabalhando como escritor e editor de livros. Lobato não somente alavancou a literatura infantil no Brasil, como também, fez com que essa mesma literatura vivesse à sombra de seu nome. Autor de obras prestigiadas inovou a literatura infantojuvenil. Suas obras mais conhecidas são: *As Caçadas de Pedrinho, As Reinações de Narizinho, A Gramática da Emília* dentre outras. O conjunto da obra tronou-se conhecido quando a Rede Globo de Televisão juntou as principais ideias dos livros em uma espécie de licença poética nomeou de *Sítio do Pica Pau Amarelo*.

A obra Infantil de Monteiro Lobato é retratada em ambiente rural, com personagens

1 Charles Perrault foi escritor e poeta francês do século XVII. Os contos registrados por Perrault incluem: Cinderela, Pele de Asno, O Gato de Botas, O Pequeno Polegar, Chapeuzinho Vermelho e Barba Azul.

2 Os Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm nasceram na Alemanha e foram linguistas e poetas. Os contos de fadas associados aos irmãos Grimm são: A Bela Adormecida, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel e João e Maria.

3 Hans Christian Andersen, escritor dinamarquês, tem mais de cento e cinquenta histórias, tais como: A roupa nova do imperador, O Patinho Feio, A pequena vendedora de fósforos, A Pequena Sereia e A princesa e a ervilha.

da vida real e seres do folclore brasileiro, bem como personagens surreais, como a boneca de pano Emília. Lobato não buscava apenas entreter o público com a sua produção literária, também deixava em evidência as características da vida cultural brasileira. Assim, a respeito do olhar visionário que Monteiro Lobato tinha em relação aos textos literários: Cademartori (1986), diz que:

A consciência social de Lobato levou-o a ter um cuidado especial com o leitor. A convicção a respeito da literatura no processo social, a visão do livro como um meio eficaz de modificar a percepção, confere ao destinatário um lugar particularmente importante em seu mundo ficcional. (CADEMARTORI, 1986, p.50)

Nesse sentido, a infância é caracterizada por um momento em que a criança passa por um processo de formação de conceitos e ideias. Diante disso, a literatura infantojuvenil é o instrumento que ajuda a criança a criar base para futura formação como leitora e a manifestar interesses em assuntos ligados à sociedade. A literatura infantojuvenil, na maior parte das vezes, é oferecida para as crianças na sua formação inicial nas escolas. Sabemos também que as escolas, em boa parte, utilizam a literatura como função pedagógica, por isso, é importante enfatizar que a literatura infantil não deve ter sua utilidade reduzida somente ao papel pedagógico. A literatura infantojuvenil atua primordialmente para transmitir à criança algo tocante, ao fazer a leitura de um livro a criança se envolve com as palavras, transcende a imaginação e ganha experiência literária. Nessa perspectiva, Segundo Cademartori (1986):

Se, adquirimos o hábito da leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existências, sociais, políticas e educacionais. (CADEMARTORI, 1986, p.19):

Partindo desse pressuposto, a criança se torna cidadã crítica e atuante na sociedade em que vive de forma benéfica, participando e compartilhando o saber de forma colaborativa.

Na atualidade, quando se pensa em literatura infantojuvenil, nota-se a abundância de livros destinados ao público infantil, em contos e histórias, porém, atualmente, uma série de tradições são ignoradas diante dos avanços tecnológicos. Ao longo do tempo as histórias infantis foram se modificando, um exemplo disso é o que os estúdios Disney nos apresentam, com suas princesas surreais, príncipes encantados e castelos maravilhosos. Outro exemplo são as histórias em quadrinhos que se destacam no gosto das crianças e adultos.

Em face de tantos avanços ocorrendo, finalmente a famosa “moral da história” e os valores que traziam formas persuasivas e moralistas, constantes, por exemplo, nas fábulas, protagonizadas por animais, que passavam algum ensinamento ou proibição, tendem a ser menos consideradas na escola. Os contos, porém, retratam outro modo de encarar o mundo, não negando a sagacidade, a esperteza, a condição humana, recheados de aventuras e por isso, atraem, ainda, à atenção das crianças. Foi com Lewis Carroll⁴ que os contos infantis se renovaram, ele criou histórias sem moralidade, um exemplo clássico é Alice no país das maravilhas (1863), em que Lewis deixa de lado o convencional e traz uma nova proposta estética na narrativa, o absurdo, o ilegível e o inusitado. Portanto, não se pode esquecer a grande influência que os contos do passado tiveram para a evolução das narrativas ao longo da história.

4 LEWIS CARROLL. Alice- Aventuras de Alice no país das maravilhas e através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

Reflexões sobre o insólito na literatura

A origem da palavra Insólito deriva do latim *Insolitus* e traz o sentido de “não acostumado, estranho, alheio, não usual”. Pode significar também: “não são habituais, infrequente, raro, incomum, anormal” ou ainda, “que se opõe aos usos e costumes; que é contrário às regras, à tradição”.

Na literatura, o insólito, segundo Covizzi (1978, p. 29), “É uma característica que está na própria condição do ser fictício.” Dessa forma, é possível perceber que o insólito está presente em toda parte, não somente na literatura, mas nas obras de artes e principalmente nas questões do cotidiano que ultrapassam o limite do absurdo. Ainda de acordo com a autora o conceito de insólito na literatura apresenta-se como:

A aludida constante, que batizamos de insólito, no sentido do não acreditável, incrível, desusado, contém manifestações congêneres que englobamos como tal:

Ilógico- contrário à lógica; não real; absurda.

Mágico – maravilhoso; extraordinário; encantador.

Fantástico- que apenas existe na imaginação; simulado aparente; fictício; irreal.

Absurdo-que é contra o senso, a razão; disparate; despropósito.

Misterioso- o que não nos é dado conhecer completamente; enigmático.

Sobrenatural- fora do natural ou comum; fora das leis naturais.

Irreal- que não existe; imaginário.

Supra-real- o que não é apreendido pelos sentidos; que só existe idealmente; irrealidade; fantasia (COVIZZI, 1978, p.36 apud Garcia, 2012, p.27).

Partindo desse pressuposto, a literatura é o lugar que nos permite andar por múltiplos caminhos, onde se convive com os mais diversos personagens, é por meio dela que se pode viver em vários mundos, é através da literatura que o leitor se torna capaz de criar um mundo só dele. Com um olhar mágico ele pode sair do seu cotidiano que às vezes é banal. Assim, o insólito se apresenta na literatura não apenas para causar uma estranheza na narrativa, mas também, para que o leitor atente para fatos que muitas vezes passam despercebidos no dia a dia.

Por isso, refletir sobre o insólito é questionar a verdade, é duvidar das coisas que as pessoas acreditam ser incontestáveis e conhecem como real. Ao questionar algo, não basta conhecer a respeito, é necessário aprofundar o conhecimento e buscar solucionar as questões para as quais se acredita ter a resposta. Tanto que as verdades são relativas, pois dependem do aspecto cultural. O que é significativo para uma cultura, não é necessariamente para outra. Contudo, segundo Todorov (2007) “a literatura é criada a partir de literatura, não a partir da realidade”, (TODOROV, 2007, p.14), ou seja, ela é convencional, quando em contato com o leitor, ela atua como condição de comunicação, podendo o leitor identificar-se com a narrativa ou distanciar-se dela, isso depende da fruição da leitura.

Nas narrativas é possível perceber elementos insólitos, ou seja, aqueles que trazem in-

quietações sobre a realidade, que são infrequentes ou sobrenaturais. Para Flávio Garcia (2012) “o insólito é uma categoria que possui seus elementos presentes nos gêneros como o fantástico, o maravilhoso, o estranho, o realismo mágico, o realismo animista”. É saber ainda que, “toda uma infinidade de gêneros ou subgêneros híbridos em que a irrupção do inesperado, imprevisível, incomum seja marca distintiva...” (GARCIA, 2012, p. 14) fazem parte do insólito ficcional.

Dessa feita, o insólito por si só não constitui gênero literário, corresponde a uma categoria ficcional, o autor trata o termo como “um aspecto intrínseco às estratégias de construção narrativa presentes na construção ficcional” (GARCIA, 2012, p.14)”. Portanto, o insólito apresenta elementos que estruturam uma narrativa.

No Brasil, a primeira aparição do insólito na ficção é somente no século XIX, quando a literatura brasileira se fortalece nacionalmente. Para Garcia (2012, p. 17) “a marca do insólito na literatura se dar através da exacerbação do inesperado, imprevisível, incomum características essas também da literatura gótica”, que possui grande parcela de influência na constituição dos gêneros literários com os elementos do insólito, principalmente o gênero fantástico. Embora a literatura insólita já tivesse nascido na Europa no século XVIII, através do romantismo gótico, ela surge no Brasil, quando os primeiros românticos brasileiros ganham espaço, porém, não se via muitos textos com elementos insólitos, até porque na primeira metade do século XIX as obras literárias eram voltadas para o nacionalismo e regionalismo por isso, essas obras tinham por finalidade enaltecer a identidade brasileira, Abdala (1995) autores como:

Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882) considerado o precursor do Romantismo Brasileiro; Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) talvez um dos mais representativos poetas da primeira fase romântica no Brasil; José Martiniano de Alencar (1829-1877) conhecido por seus romances regionalistas, históricos e indianistas, autores notáveis do Romantismo brasileiro. (ABDALA, 1995, p. 40)

Dialogando com o romantismo ocorrem as primeiras manifestações do insólito na literatura nacional. De acordo com Quinhones (2017) pertencem a esse estilo:

Os Românticos Fantásticos, tomando como ponto de partida o conto “Um sonho” (1838), de Justiniano José da Rocha como talvez a primeira narrativa fantástica brasileira. Logo em seguida, destacam o nome de Álvares de Azevedo, tanto com seus contos de *Noite na taverna* (1855), como com a sua peça, *Macário* (1852). (QUINHONES, 2017, p. 228)

Outro autor que merece destaque no cenário nacional é Machado de Assis com alguns contos e sua obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* “embora não seja tradicionalmente lida como fantástica é narrada por uma personagem morta, o que lhe confere um caráter insólito” (QUINHONES, 2017, p. 228). Por mais que o autor tenha pertencido ao período realista, trouxe a partir dessa obra maior notoriedade ao insólito. Ao traçar um paralelo do insólito com a literatura, percebe-se o alcance que essa categoria atingiu, principalmente, nas marcas na literatura infantojuvenil brasileira. Quinhones (2017) enfatiza que o insólito:

Na literatura infantojuvenil ganha espaço com o precursor Monteiro Lobato e seu *Sítio do pica-pau amarelo* (1921), que apresenta uma história permeada pelo Maravilhoso; e, a relevante produção de Lygia Bojunga com histórias mágicas e fantásticas, como em *O sofá estampado* (1980). *O fantástico mistério de feiurinha* (1986), de Pedro Bandeira e a reedição

de *O caso da borboleta Atíria* (1988), de Lúcia Machado de Almeida, finalizando com *O prisioneiro da sombra* (2003), de Luiz Roberto Mee, que inovara a Literatura Infantil por criar universos possíveis classificados como Alta Fantasia. Quinhones (QUINHONES, 2017, p. 229)

Essas são algumas das narrativas da literatura infantojuvenil precursoras do tema insólito no Brasil. Nos textos infantis são comuns os elementos do insólito, os gêneros literários que compõem estas narrativas infantis são, na maioria das vezes, o maravilhoso e o fantástico. O gênero fantástico se destaca nas produções infantis, e surgiu a partir do romance gótico, este gênero se caracteriza pela sua aproximação com o real, na qual a manifestação do sobrenatural fica em evidência, formando uma antítese na composição da literatura.

O teórico Tzvetan Todorov em sua obra *Introdução à Literatura fantástica* (2007) é sem dúvida o maior responsável por este gênero. Escritor da obra *Introdução à Literatura fantástica*, ele defende a ideia que o fantástico advém das incertezas, é quando o texto provoca no leitor hesitação, ou seja, põe em dúvida a razão e a fantasia, nesse gênero tanto o fenômeno insólito, sobrenatural, quanto o que se acredita ser real devem permanecer juntos, e os questionamentos devem se manter até o fim da narrativa. Sobre isso, Todorov assim esclarece:

O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural. (TODOROV, 2007, p.31)

Em face disto, esta seria então, a marca primordial do gênero fantástico, a hesitação, em que ocorre a ambiguidade, o momento em que o leitor questiona o real e o imaginário, e chega quase a acreditar. A dúvida deve ser espontânea, é uma característica indispensável do fantástico, é ela que rompe a realidade cotidiana.

No Gênero Fantástico é bastante comum encontramos incidências sobre o termo insólito, pois estão unidos por ocorrências sobrenaturais no texto, são estas manifestações ficcionais que estruturam a narrativa, que se trata de estratégias criadas pelo autor para atingir o leitor. Garcia (2012, p.16), explica que “devemos julgar uma história sobrenatural não pelas intenções do autor ou pela simples mecânica do enredo, mas pelo nível emocional que ela atinge no seu ponto mais insólito”. Assim sendo, o fantástico admite uma vasta diversidade de formas de manifestação do insólito envolvendo uma infinidade de gêneros inclusive o próprio fantástico.

A literatura fantástica é uma leitura instigante, quando associada ao insólito se torna uma leitura prazerosa, pois os elementos empregados no texto incitam o imaginário do leitor. A linguagem do gênero fantástico é rica, sensível, surpreendente, sobrenatural e expressa a ideia que o narrador deseja passar através de sua criatividade os mais variados mecanismos utilizados para compor a narrativa. O fantástico é criado pela imaginação sobre aquilo que não está visível aos olhos de todos, mas se pode sentir atrás do fictício. O leitor por sua vez ao ler uma narrativa fantástica entrega-se a um mundo em que tudo é possível.

Traços do insólito em *A bolsa amarela*

O livro *A bolsa amarela* foi publicado em 1976, escrito pela autora brasileira Lygia Bojunga Nunes. Aos oito anos de idade mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, pois nasceu no Rio Grande do Sul, e em 1951 iniciou sua carreira como atriz em uma companhia de teatro, trabalhou por muito tempo na rádio e televisão, e 1972 começou a escrever suas narrativas empregando a infância como tema fundamental em seus livros. Ao todo, foram 21 publicações, traduzidas para vinte idiomas, algumas lhe renderam prêmios como: Jabuti em 1973 e o prêmio Christian Andersen em 1982.

Lygia Bojunga possui uma peculiaridade literária expressiva em suas narrativas e seu acervo é de grande valor para a literatura infantojuvenil no Brasil. Em seus textos ficcionais Lygia Bojunga faz com que o insólito contribua na produção de sentido, através das emoções, da sensibilidade e dos elementos do insólito, mecanismos que usa não somente para revelar de forma mais amena o mundo real que muitas vezes se mostra com duras realidades, como o preconceito, a violência, as desigualdades, mas também, emprega esses elementos para que o leitor seja envolvido e se reconheça dentro e fora da narrativa.

Em *A bolsa amarela* Lygia Bojunga consegue perfeitamente encaixar o insólito em sua narrativa, nela o leitor percebe o equilíbrio entre o real e o imaginário de modo que é levado a acreditar, em dado momento, que a protagonista da narrativa não está apenas imaginando, mas vivendo de fato, os acontecimentos narrados. No livro estão evidentes os traços do insólito através do cenário do cotidiano. As normas sociais muitas vezes trazem o desejo que algo não seja real, é quando se almeja fugir da realidade diária e o insólito propõe isso ao extrapolar o real. Nesse sentido, na literatura, o leitor tem contato com enredos que revelam um mundo com árduas realidades sociais. Porém, essa realidade não é trabalhada na sua forma mais real, assim atribui a narrativa um caráter em “que o insólito se desvela para explicar o real” (GAMA-KHALIL, 2013, p. 25). Assim, o insólito se mostra na narrativa para dar um sentido às coisas que parecem absurdas na vida real.

A obra de Lygia Bojunga traz como protagonista Raquel, uma menina que possuía três vontades: ser adulta, ter nascido menino e ser escritora. Raquel é a filha mais jovem de uma família com quatro irmãos, sentia-se rejeitada por eles, por ser a caçula, o pai e seus outros três irmãos a consideravam criança, Raquel não via respeito por parte deles. Ao surgir a vontade de ser escritora, a menina começa a escrever cartas aos amigos imaginários. A primeira carta foi destinada ao amigo imaginário André que às vezes demorava a responder; outra carta foi para amiga Lorelai, amiga inventada do livro de nomes. Certo dia Raquel acaba sendo descoberta pela irmã:

“Quem é essa Lorelai que quer te ajudar a fugir de casa?” comecei a explicar que ela era inventada, que a viagem era inventada, que – mas ela não deixou acabar de falar. [...] fez queixa pro meu pai, o pessoal ficou de novo contra mim, e eu comecei a desconfiar que a gente ser escritora quando é criança não dá pé. (BOJUNGA, 2015, p.21)

Quando é revelado um dos desejos de Raquel, o de ser escritora, sua família não a leva a sério, ela se sente desacolhida no seio familiar, frustrada com essa situação a menina resolve esconder suas três vontades. Logo, a família recebe um pacote de doações da Tia Brunilda, todos da família escolhem os objetos a seus gostos, e sobra uma bolsa amarela para Raquel, embora a bolsa fosse grande demais para uma criança, ela resolve ficar, pois nela esconderia seus amigos imaginários e suas vontades, que em alguns momentos engordam. No fragmento a seguir, notaremos uma transição do real para o sobrenatural:

Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela. Puxa vida, tava até parecendo o quintal da minha casa, com tanto esconderijo bom, que fecha, que estica, que é pequeno, que é grande. [...]cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela. [...] No bolso bebê eu guardei um alfinete de fralda que tinha achado na rua, [...] uns desenhos que eu tinha feito e umas coisas que eu estava pensando. [...] Abri um zíper; escondi minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zíper; escondi mais no fundo minha vontade de escrever; fechei. No outro bolso espremi a vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar). (BOJUNGA, 2015, p.28-29).

Deste modo, percebemos que saímos do âmbito natural, quando a personagem começa a guardar seus pensamentos, suas vontades na bolsa amarela, para que ninguém mais ria deles, nem os desrespeitem. A transição do real para o sobrenatural é que faz com que Raquel comece a criar fantasias e imaginar. Morais (2013) diz que:

O ser insólito pauta-se exatamente pela representação do sólito, confrontando por uma inesperada irrupção de algum elemento destoante, mas que, em geral, veste uma roupagem crítica, procedendo a um mecanismo de conforto, em que o insólito ocorre para denunciar ou amenizar um fato incomodo, mas verossímil. (MORAIS, 2013, p. 23)

Assim, o elemento insólito, também pode se apresentar como forma de refúgio, esconderijo ou escape, quando sentimentos ou desejos são reprimidos pela sociedade ou até mesmo pela família, principalmente quando se é criança e sofremos com algum tipo de exclusão, como aconteceu com a personagem Raquel.

A bolsa amarela tem grande representatividade durante o percurso do enredo, no terceiro capítulo do livro, outro evento insólito aparece, a presença do galo rei, o mesmo personagem do romance que Raquel havia escrito, o galo fica escondido na bolsa, junto com guarda-chuva, e um alfinete de fraldas:

[...]Abri a bolsa correndo. O galo saiu lá de dentro.

- Puxa, se você não abre esse bolsa eu morreria sufocado. Tinha pedido pro fecho ficar meio aberto para eu poder respirar, mas ele acabou dormindo e fechou. _ Voou pra janela, aterrissou na beirada e ficou respirando fundo. (BOJUNGA, 2015, p.32)

No excerto acima, é possível ver o momento da passagem do real para o fantástico, os animais falantes são recursos insólitos, utilizados pela autora para enriquecer a narrativa, são acontecimentos inusitados e absurdos, Maciel (2013), nos diz que:

Esses elementos insólitos não possuem ligação fixa ou verdadeira com a realidade e são responsáveis por despertar o imaginário do leitor fazendo com que ele sinta a estranheza dos fatos e ao mesmo tempo não busque reminiscências na realidade para explicá-los. (MACIEL, 2013. p. 171)

Outro exemplo disso ocorre quando a personagem encontra o alfinete de fraldas e ele pede a Raquel que o guarde:

- Me guarda? Já não aguento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove, eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: "pronto vão achar que eu não sirvo pra nada [...] - Guardo. - Então guarda. Guardei. No bolso do uniforme (ainda não tinha a bolsa amarela) [...]. (BOJUNGA, 2015, p.44)

O alfinete, nessa passagem, conversa com Raquel, conta-lhe as dificuldades do seu dia a dia, ela sente o dever de proteger e quem sabe utilizá-lo para algo no futuro. Para a persona-

gem não há nada de estranho nesses acontecimentos, seus olhos transitam entre a realidade e a imaginação, nesses momentos em que o fantástico aparece, o caráter insólito se sobressai na narrativa. Quando o leitor e a personagem se entregam a esses eventos ao longo de toda a história, é porque de fato ouve a presença do insólito.

Na hora do guarda-chuva nascer, quer dizer, na hora que foi feito, o homem lá da fábrica – que era um cara muito legal [...] – perguntou:

- Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher?

E ele respondeu: mulher.

[...] fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar. (BOJUNGA, 2015, p.48)

No trecho acima, o galo encontra um guarda-chuva e presenteia Raquel que pede a ele que lhe conte mais sobre a vida do objeto. Nessa passagem é nítida a influência que a guarda chuva teve para que a menina mudasse o desejo de ser homem, Raquel possuía essa vontade, por achar que ser menino é bem mais divertido que menina:

Meu irmão fez cara de gozação:

_E por que é que você inventou um amigo em vez de uma amiga?

_ Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher.

[...] É, sim. Vocês podem fazer um monte de coisas que a gente não pode. Olha lá na escola, quando alguém tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo de jogo que gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; [...] (BOJUNGA, 2015, p.16).

Com isso, é notório que a fantasia e o absurdo estão presentes na narrativa, e é através desse evento insólito, que ocorreu com Raquel e a guarda-chuva mulher, que a personagem percebe que ela também pode ser feliz e fazer coisas de meninos mesmo sendo menina. Zilberman e Cademartori (1987, p.15) nos dizem que “somente pela intervenção de uma força sobrenatural a situação poderia ser revertida”. Em suma, os heróis muitas vezes necessitam da ajuda dos seres fantásticos para mudarem suas condições, assim sendo, os elementos do insólito que a autora Lygia Bojunga usa na narrativa *A bolsa amarela*. Zilberman e Cademartori (1987) elucidam mais a respeito:

Esta associação com o fantástico remonta aos primórdios da produção orientada ao público infantil, quando os primeiros escritores, como Charles Perrault, no século 17, e os irmãos Grimm, no início do século 19, se apropriaram dos contos de

fadas. Estes relatos fundam-se preferencialmente numa ação de procedência mágica, resultante da presença de um auxiliar com propriedades extraordinárias que se põe a serviço do herói: uma fada, um duende, um animal encantado. É esta colaboração voluntária que possibilita a superação, por parte da personagem central, do conflito que deflagrara o evento ficcional; e sua ajuda é imprescindível devido à condição sempre precária ou carente da figura principal. (ZILBERMAN e CADEMARTORI,1987, p.15)

Além dos recursos insólitos que são colocados de maneira natural, Bojunga, no trecho a seguir, utiliza uma linguagem coloquial e simples, com gírias e palavras próprias de uma criança, esta técnica é muito importante, pois aproxima o leitor a narrativa.

_ A ideia que eu tô precisando achar para lutar por ela... Ué! Só agora que eu tô reparando: a Guarda-chuva continua desmaiada.

_ Ela tá desmaiada?

_ desmaiou de susto com os estouros.

_ me desentorta, Raquel?

_Ah, Afonso, faz alguma coisa para ela des-desmaiar, faz. (BOJUNGA, 2015, p.82).

Através dessa técnica, o leitor é convidado a participar do mundo ficcional, podendo identificar-se com a personagem ou assumir uma postura crítica, ou não, a respeito do livro. Além disso, a autor promove uma reflexão acerca da condição da criança, isto é, compreender a situação da personagem Raquel e entender o universo imaginário da menina.

O objeto, a bolsa amarela, além de importante para a personagem-protagonista é fundamental para a narrativa, como seria possível guardar nossas vontades em uma bolsa? Desejos que crescem e engordam? Pensamentos que não queremos que ninguém escute? Em face disso, fica claro que a bolsa amarela é a representação da consciência de Raquel, a bolsa participa de todos os eventos insólitos, principalmente na ocorrência do fantástico, pela qual a personagem passa a vivenciar através do objeto. Todorov (2007, p.31) salienta que: “às vezes é necessário ter uma porta de saída para uma explicação natural”.

No enredo de *A bolsa amarela* os elementos insólitos estão em profunda sintonia com os outros elementos da narrativa, a forma com que a autora preserva os fatos, é combinação perfeita entre realidade e a imaginação.

Raquel passa a carregar na bolsa amarela além de suas vontades, dois galos, um guarda-chuva e um alfinete de fraldas. A bolsa estava cada vez mais pesada, e ficava difícil para a menina disfarçar o peso. Certo dia a família resolve visitar a tia Brunilda, Raquel resolve levar a bolsa, seu primo Alberto que é muito curioso, resolve questionar na frente de toda a família a sobre o que ela carrega na bolsa amarela. Vejamos um fragmento que o insólito se apresenta na narrativa:

O pessoal tava de boca aberta:

- Parece um balão!

[...] A turma da bolsa amarela começou a gemer. Vi que eles não tavam mais aguentando a espremerão lá dentro. A Guarda-chuva pediu socorro. Mas pedir socorro na língua da Guarda-chuva leva um tempão e o pessoal ficou ainda mais espantado quando ouviu aquela língua esquisita.

- Afinal de contas Raquel o que é que você carrega aí dentro?!

(BOJUNGA, 2015, p. 76)

Nesse excerto, nota-se que a família de Raquel também ouve a guarda-chuva, comprovando assim, os elementos do insólito mais uma vez presente na narrativa e isso faz com o leitor passe por um momento de hesitação, será possível a família de Raquel ouvir uma guarda-chuva falar? Ou apenas a narradora passou a ideia através de sua imaginação? De fato, os acontecimentos narrados não são capazes de acontecer na vida real e, cabe ao leitor entregar-se ao fantástico. Todorov (2007), exemplifica que: “um conto é fantástico muito simplesmente se o leitor experimentar profundamente um sentimento de temor e de terror, a presença de mundos e poderes insólitos.” (TODOROV, 2007, p. 40). É comum os autores de narrativas do gênero fantástico, fazer com que a decisão para uma explicação lógica ou não dos acontecimentos, fique sob a ótica do leitor.

No decorrer de toda a narrativa Raquel viveu experiências incríveis, os elementos insólitos se manifestam na narrativa *A bolsa amarela*, desde a composição dos personagens como o galo que se escondeu dentro da bolsa, o alfinete de fraldas que parecia sem valor, mas que ajudou Raquel quando suas vontades começaram a crescer dentro da bolsa, estourando-as; a guarda-chuva mulher, que falava uma língua complicada, que apenas o galo entendia. Vale destacar ainda a bolsa que guardava as vontades, por conseguinte são os principais elementos insólitos incorporados no decorrer da narrativa. Dessa forma, percebe-se que há na narrativa uma diversidade de elementos insólitos.

Diante do exposto, é notório que Raquel precisava da ajuda desses fenômenos insólitos na sua vida, de tal forma, que no decorrer da narrativa as mudanças na vida da personagem são perceptíveis.

Portanto, o insólito, em Bojunga, permite caminhar pelas veredas do fantástico, os recursos insólitos utilizados servem para enfatizar a mensagem crítica que autora passa a sociedade. A autora Lygia Bojunga possui uma sensibilidade harmoniosa, há um misto de emoções e sentimentos em sua narrativa, e consegue trabalhar o cotidiano através das suas personagens, mostrando ser possível transitar entre a realidade e a fantasia, para compreender o mundo em que vivemos, sua estética é singular e nos faz sonhar, conectando-nos ao imaginário.

Considerações Finais

Na obra *A bolsa amarela* são encontrados elementos da ficção que se apresentam de maneira irreal, por exemplo “a bolsa”, que às vezes tem vontades e ações próprias. Os fatos insólitos aparecem na narrativa e nos fazem refletir em relação ao que consideramos ser nossa realidade. Toda a ambientação insólita criada pela autora Lygia Bojunga, não é apenas para gerar um clima extraordinário e imaginário que é muito comum nas narrativas infantojuvenis. É recurso que serve, também, para realçar a crítica social existente na narrativa. A criança ao fazer a leitura da narrativa não interpretará da mesma forma que o leitor adulto, ela irá se conectar, mais facilmente, aos elementos fantásticos. Desta maneira, a criança enxergará o insólito como uma forma mágica, que dá vida para a imaginação.

Vivemos em um cotidiano repleto de violência, drogas, alienação, preconceitos dentre outras questões. Com isso as crianças estão perdendo o prazer de ler, de escrever, de criar e imaginar. Sabemos que a literatura infantil é cheia de fantasias, e quando os elementos do insólito aparecem na narrativa a intenção não é apenas para provocar a imaginação e a criatividade da criança, é também uma forma para atentarmos aos problemas sociais mascarados

pela sociedade.

No livro *A Bolsa Amarela* o insólito aparece como um mediador entre o real e o imaginário, e os elementos insólitos presentes na narrativa contribuíram para que a personagem escapasse da sua realidade e posteriormente conquistasse uma identidade forte e, foi a partir disso, que seus sonhos e vontades começaram a ser supridos.

É importante ressaltar que ao longo desse trabalho, foi possível perceber a relevância que o fantástico e os recursos insólitos têm para a narrativa. Ao analisar as principais evidências do insólito na obra *A bolsa amarela*, constatou-se que é possível sentir as imagens de mundos outros contidas no texto. Quando pensamos na literatura infantil, consideramos ser apenas uma história para se contar a criança, não pensamos sob a perspectiva social, e estudar o insólito vai muito além de enfeitar a narrativa; é saber que a partir do texto, as mudanças podem ocorrer na nossa realidade.

Referências

ABDALA, Benjamim. **Movimentos e Estilos Literários**. São Paulo: Scipione, 1995.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

CADEMARTORI, Ligia. **O Que é Literatura Infantil - Coleção Primeiros Passos**. São Paulo, Brasileira, 1986.

CARROL, Lewis. **Alice- Aventuras de Alice no país das maravilhas e através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
GAMMA-KHALIL, Marisa; ANDRADE, Paulo. **As literaturas infantil e juvenil: ainda uma vez**. Uberlândia: GPEA:CAPS, 2013.

GARCÍA, Flavio. **Tensões entre questões e conceitos na proposição de um outro e novo gênero literário: o Insólito Banalizado**. In: XIV Congresso da ASSEL-III Enletrarte, 2007, Campos. Anais do XIV Congresso da ASSEL-Rio e III ENLETRARTE. Campos: ASSEL-Rio CEFET Campos, 2007.
GARCÍA, Flavio; BATALHA, Maria. **Vertentes teóricas e ficcionais do insólito**. Rio de Janeiro: Caetés, 2012.

MACHADO, Maria. **A bela adormecida, Branca de Neve, Cinderela, A pequena sereia, A história dos três porquinhos e muito mais contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MACIEL, Lilian. **Lygia Bojunga: o real e o insólito em a bolsa Amarela**. In: ANAIS DO CENA, Uberlândia: EDUFU, 2013. pdf.

MORAIS, Luciana. **Novas Insólitas veredas: leitura A varanda do Frangipani de Mia Couto, pelas sendas do fantástico**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.

QUINHONES, Elenara. **O Fantástico Brasileiro: O Insólito Literário do Romantismo à Contemporaneidade**. Resenha da exposição, Curitiba, p. 227-234, 27 jul. 2017. pdf.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

ZILBERMAN, Regina; CADEMARTORI, Ligia. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação**. São Paulo: Ática, 1987.